

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/GO	01	01	10	F50	10
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Brasília Mística
LOCALIDADE	Distrito Federal e Entorno
MUNICÍPIO/UF	Planaltina/Goiás

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Candomblé – Jêje Mahin - Côrte Fon-Dahometana Kuê Hô Seji Olissá
OUTRA DENOMINAÇÃO	Não Há
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Maurício de Olissá começou seus trabalhos, como zelador de Voduns, em casa. Depois utilizou as casas de cultos de amigos para dar obrigações em alguns filhos. Passado algum tempo, e por conta do número de filhos de santo que estava aumentando, Maurício pôde comprar seu próprio Kwê (casa de culto). O preço relativamente baixo dos terrenos vendidos na cidade de Planaltina de Goiás foi um dos fatores que levou o sacerdote a construir sua casa de adoração na referida cidade.

A família Jêje Mahin é originária, segundo o entrevistado, dos Caviungos; povo que tem adoração pela Grande Serpente que é conhecida como Dã Icó. O Povo Jêje Mahim cultua os Voduns que estão mais ligados a terra.

O entrevistado disse que ao adentrar numa casa de Jêje realizamos a passagem do profano para o sagrado, pois o ambiente de culto convida para uma nova realidade, a realidade do culto aos Voduns. Dentro do Kwê os filhos da casa passam inclusive, a atender pelo nome de batismo (dijina) que lhe foi dado depois da iniciação. É preciso também tomar banhos com ervas para limpar todas as impurezas que são trazidas da rua. É preciso ainda um preparo ritualístico antes das sessões públicas; festas e rituais dos quais a comunidade em geral pode participar.

- *Características físicas associadas aos lugares de culto da tradição*

Nas casas de Jêje não existe cumeeira; coluna que dá sustentação ao barracão. Em geral, essa coluna é colocada no centro do salão. Como o povo de Jêje é um povo de Tempo, e Tempo não tem cobertura, a cumeeira não se faz necessária. Segundo Maurício, nas casas de Jêje não deveria existir se quer teto, mas devido às intempéries, seu uso não pode ser dispensado. O uso do teto foi mais uma das adaptações realizadas ao longo do processo histórico que produziu e ainda está produzindo modificações.

- *Símbolos, ornamentos, vestes ou objetos característicos da tradição*

O símbolo da serpente é um dos principais elementos que representam o Jeje Mahim. Segundo a tradição Fon-Dahometana, os Jeje são adoradores da Grande Serpente Dã Bála, Dã Icó, que é patrono da Tradição Mahim. Doté (Pai/zelador) Maurício disse que nos primórdios de sua tradição, um rei chamado Ramilé, ou Ramalé, era adorador da serpente Dã. Segundo alguns mitos, Ramilé, durante a noite, se transformava em serpente e se sentava em um trono. Ainda, segundo Maurício, uma passagem bíblica do Velho Testamento (Números 21: 4) diz que vários seguidores de Moisés, rodeando a terra de Edom, foram

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

picados por serpentes. Preocupado, Moisés consulta Deus que lhe aconselha a construção de uma serpente de metal, pois todos os que fitassem a escultura não morreriam do veneno. Devido a esse evento, a cobra adquiriu o duplo sentido de bem e de mal porque, na ocasião, seu veneno matava, mas sua imagem garantia vida.

O entrevistado disse que a cobra, quando representada mordendo o próprio rabo, significa os movimentos de rotação e translação feitos pela terra. Além disso, a cobra representa, quando se arrasta, a primeira mobilidade humana. Também o arco-íris é visto pelos Jêje Mahim como uma espécie de cobra que leva a água da terra para o céu e vice-versa.

Maurício apontou o uso de uma conta (colar) como sendo representativo de sua nação. Essa conta, que se chama Runjeve ou Runjebe, é específica dos Dahometanos, muito embora outras nações façam uso dela. Voltada para o Vodun Loco, o Runjeve acompanha o Vodunce na vida e na morte. Essa conta é conhecida também como jóia de Jêje.

Para se ter uma imagem representativa de seus Voduns, os Jêjes recorrem à figura de animais. Assim, o Vodun é representado muito mais como uma forma animal do que humana. Bessém, a grande serpente, é um exemplo clássico dessa vinculação zoomórfica. Existem também outras vinculações: a imagem da borboleta (clâclã) está ligada a representação de Vodunjó. A pantera, representação de força e defesa, à família de Possum.

- *Qual o significado do Axé para a tradição?*

Energia, força vital dos elementos, é chamada de axé. Ele serve para dar vitalidade não só para uma casa de culto, mas para todos aqueles que a procuram como meio para obter uma ajuda espiritual ou material, seja no sentido de obter saúde.

- *A disposição das edificações segue algum tipo de orientação?*

Na tradição Jêje não existem padrões arquitetônicos para a construção dos elementos materiais que compõem o Kwê. Até porque os espaços físicos de cada casa podem se diferenciar entre si. Na roça do entrevistado não há, por exemplo, espaço suficiente para que os Rumdêmis (quartos dos Voduns) sejam construídos separados uns dos outros. Desse modo, Maurício teve de conformar e formatar as construções às possibilidades oferecidas pelo terreno.

- *O que determina o acesso ao a interdição aos espaços da casa?*

O acesso aos lugares sagrados da tradição é permitido mediante alguns cuidados. Antes de tudo é preciso tomar um banho de Abô; banho à base de resina vegetal. Essa resina é extraída a partir do maceramento das folhas sagradas e servem para purificar a áurea e o corpo das impurezas contraídas no ambiente externo ao Kwê. Em seguida é preciso fazer cumprimentos aos Voduns que moram nos seus respectivos quartos. Na entrada da casa existe um assentamento de Leguá; Vodun que guarda semelhanças

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

com o Exu dos Yorubás. Leguá é responsável por todos os caminhos da casa. Esse Vodun é o guardião da entrada do Kwê. Existe também o Kredezem, quarto do Vodun Lissá; Aríaxé, marco central, centro da casa.

Todos esses lugares devem ser cumprimentados com determinados gestos. O primeiro se chamado Katácha e consiste de tocar o chão com uma das mãos que, em seguida, será levada a cabeça, mais precisamente na testa. É na cabeça que se situa o xacra maior. Existem também dois outros cumprimentos. O primeiro se chama Dobá ou Dobalé. Esse ato é próprio dos iniciados que, em reverencia aos Voduns, se prostram no chão. O outro, chamado paó, é feito por meio do bater de palmas que servem para chamar a atenção dos Voduns. É habitual que ao chegar à casa de determinadas pessoas, os visitantes batam palmas como forma de alertar o morador de sua chegada. É nesse sentido que os Jêjes executam o paó aos Voduns.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Antes da fundação de uma casa é feita a preparação do terreno para que ele possa “abrigar” os Voduns. Nesse sentido, são feitos plantios de axés; utilização de determinados elementos naturais, ou não, que comportam energias próprias dos Voduns que serão donos da casa. Alguns desses axés são enterrados, outros são postos na entrada da casa para que, ao entrar, os indivíduos possam ser limpos das energias negativas e contagiados com a positividade energética dos Voduns.

Em geral, o preparo do terreno é feito com oferendas de animais que são sacrificados aos Voduns. Outros alimentos também são destinados a esses seres divinos que tem, por assim dizer, uma dieta específica. Esses rituais servem para dar sustento espiritual as casas. Assim, o axé é, segundo o informante, o condensador de energias positivas.

Maurício teve de conformar e formatar as construções às possibilidades oferecidas pelo terreno. Nessa situação, o sacerdote não pôde plantar muitos Atinças (árvores e ervas sagradas) no seu terreiro. Os atinças também passam, desde o plantio da semente, por muitos rituais, pois, no Jêje, as árvores também são Voduns.

Maurício destaca a Gameleira Branca e o Azanador como principais atinças (árvores sagradas). Conhecida também como Baobá, a Gameleira Branca representa o Vodun que se chama Loco ou Locô. Segundo a mitologia, a semente de Loco foi o primeiro vegetal que Nanã, a mãe, na representação de Mavú e Lissá, plantou dentro de uma cabaça. Do plantio dessa semente nasceu o primeiro Vodun que é Loco, deus da Gameleira Branca que também representa uma ponte que liga o céu a terra e que, por conseguinte, possibilita a descida e a subida dos Voduns que vão do Céu a terra num movimento de ligação entre o espaço astral e o espaço material. Loco também representa a paternidade. Ele é aquele que protege os homens sob suas folhas, aquele que oferece sombra, descanso. Ele é aquele que dá a brisa, que alivia os filhos das intempéries. O Azanador representa o deus mór da casa, Bessém. Além desses atinças, o sacerdote citou o Acocô que também mantém relação com Bessém.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Durante as festividades públicas, a casa oferece banquetes para a comunidade. Nessas ocasiões são servidos vários tipos de comida que visam o conagração dos convivas. Também, por ocasião da comemoração do dia de São Cosme e Damião, a casa faz a distribuição de doces e cestas básicas para famílias carentes.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR**5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

- Quais os terreiros mais representativos de sua tradição?*

A tradição teve início, de acordo com o entrevistado, na ladeira do Bogum. A sacerdotisa que deu início aos trabalhos se chamava Ludovina. Posteriormente se espalha para Cachoeira do São Félix onde é fundada a roça de Sejaundê. A roça de Ajuçum também tem muito destaque. Essas são as três primeiras casas.

Depois, no Rio de Janeiro, foi criado o Bolabá; linhagem a qual pertence o entrevistado. Essa roça era comandada por Mérito Rosena ou doné Rosena. Maurício não soube precisar o ano de instalação da casa de Rosena, mas disse que sua tradição está diretamente ligada a Tata Fomutinho de Oxum Dewi. Esse sacerdote fez santo em Sejaundê e se instalou no Rio de Janeiro e fez proliferar a nação Jêje. Segundo Maurício, Tata Fomutinho foi um dos precursores do Jêjê no Estado do Rio de Janeiro.

De Tata Fomutinho descende Ivan de Iansã; avô de santo de Maurício. Também descende Zezinho da Boa Viagem, hoje considerado o patriarca do Jêje no Brasil, pois é o sacerdote, em vida, mais velho que está ligado a tradição de Sejaundê. Pela linhagem, Maurício se tornou bisneto de Zezinho porque, com o falecimento de Ivan de Iansã, passou a tomar obrigação com uma neta de santo de Zezinho. Maurício é Neto, ainda, de Dirceu de Oxalá que é um dos filhos de Zezinho. O sacerdote entrevistado foi feito pelas mãos de Aurora Vodunjó; neta, supracitada, de Zezinho da Boa Viagem. Atualmente essa sacerdotisa mora em Mesquita no Rio de Janeiro.

- Como se dá a interação da casa com os terreiros de sua matriz religiosa?*

Maurício disse que se relaciona muito bem com as matrizes do seu axé. Em fevereiro esteve na casa de sua mãe espiritual para participar da saída de dois Vodunces (iniciados) que foram raspados (iniciados) por Aurora, sacerdotisa que sempre vem à Brasília para ajudar Maurício em algumas obrigações.

- Historicamente, o entrevistado identifica transformações significativas por que tenha passado a tradição religiosa a que pertence?*

Maurício disse que, pelo fato de serem mais velhos, seus antepassados merecem todo o respeito porque são eles que preservaram e preservam a tradição que é transmitida oralmente de geração em geração.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Maurício lembra que o candomblé não tem um livro canônico onde podem ser encontrados todos os fundamentos e preceitos do candomblé.

Maurício disse que, de forma em geral e não só no Jêje, o candomblé vem passando por mudanças. Disse que quando seus antepassados escravizados vieram para o Brasil não puderam trazer nada além das roupas que eles tinham no corpo. Além disso, foram intimados a esquecer todo conhecimento que tinham adquirido em suas tribos, pois no Novo Mundo não havia espaço para as práticas ligadas ao candomblé. Segundo Maurício, a providência divina e a força dos Voduns foram determinantes para que acontecesse a preservação cultural dos cultos aos Voduns que a tudo resistiram.

Assim, os negros escravizados tiveram que improvisar muita coisa para dar continuidade à tradição. Na falta de vestimentas adequadas, adornavam os Voduns com peles de animais e com roupas feitas de saco de linhagem. Nesse período, as comidas sagradas eram feitas em fogões à lenha e não a gás. Como não tinham energia elétrica, os rituais eram realizados à luz de vela. Tudo isso prova que houve sim muitas transformações na forma de se cultuar os Voduns. Antigamente não existia água canalizada e nem grãos industrializados. Os antigos plantavam e colhiam os grãos que eram usados nos rituais.

- *Quais os elementos de constituição da tradição no Brasil?*

De acordo com o sacerdote, sua tradição foi composta de elementos estritamente africanos. Não reconhece a presença de elementos da cultura dos índios brasileiros no Jêje, mas disse que é comum encontrar nos terreiros imagens da iconografia indígena, bem como pais de santo que incorporam Caboclos e Pretos-Velhos. Esse não é o caso da casa de Maurício, mas o Doté possui, no seu Kwê, um local separado onde existem elementos do culto de Jurema; linha religiosa que trabalha com Mestres, espíritos benevolentes que, devido à iluminação espiritual que alcançaram envida, retornam em espírito, depois da “morte” física do corpo, para dar conselhos a quem vive no mundo terrenal. Maurício disse que, como todo brasileiro, está envolvido pelo sincretismo religioso.

Disse que os Fon-Dahometanos são mais fechados, mais restritos. A complexidade dos seus rituais é que gera esse hermetismo. Doté Maurício afirmou que não dá para comparar um iniciado de Jêje com iniciados de outras nações porque, outrora, na casa de Sejaundê, os Vodunces (iniciados) chegavam a ficar recolhidos durante um ano. Hodiernamente, eles, os iniciados, não passam todo esse tempo, mas, ainda assim, Maurício disse que o número de rituais do Jêje é superior aos rituais das outras nações. Disse que o Jêje não se preocupa com quantidades e sim com qualidade.

De acordo com Maurício, os negros escravizados, quando chegaram ao Brasil, foram colocados juntos, Isso fez com que as culturas das diferentes nações se misturassem porque naquele momento uns precisavam do auxílio dos outros para sobreviver e levar adiante suas crenças, seus ritos.

Esse processo de hibridização cultural fez com que o culto afro-brasileiro se diferenciasse do culto africano. Em África, segundo o informante entrevistado, cada tribo cultua um único deus ou Vodun. Já no

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Brasil, devido ao referido processo cultural imposto pelos colonizadores que fizeram uso da mão-de-obra escrava, as diferentes nações entraram em consenso e decidiram cultuar, há um tempo, Orixás, Voduns e Inkices, pois só assim contemplariam a devoção religiosa de cada um. Maurício de Lissá nos disse que em Benin e em Togo os habitantes, em geral, cultuam um só Vodun. Também a predominância do candomblé Yorubá do povo de Ketu foi explicada por Maurício como sendo resultado desse mesmo processo de escravidão que de saída aprisionou em maior escala os yorubanos. Por isso é possível encontrar, em casas de candomblé Jêje, sacerdotes que realizam seus cultos valendo-se da linguagem yorubana em detrimento do Bantu, mas, muitas vezes, esses mesmo sacerdotes, nos ritos de fundamentos ou nas saídas de suas Ramas; saída de muitos iniciados juntos que em Ketu é chamada de Barco, cantam e fazem suas preces em Fon. em Runo ou em Axante. Maurício disse que essas misturas não acontecem em sua casa porque procura manter a tradição dahometana que presa por elementos culturais mais apurados. Todavia, quando recebe a visita de sacerdotes do candomblé de outras nações, Maurício canta na língua do visitante para que ele se sinta em casa e se identifique como um irmão dos filhos do Kwê.

O entrevistado disse também que se mantém resistente a muitas transformações. Nesse sentido, procura manter a maior proximidade possível entre seu culto e o culto africano tal qual praticado nos primórdios do candomblé. Procura não alterar os rituais e a linguagem bantus e sempre faz distinção entre Orixá, Vodun e Inkice.

- *Como o entrevistado avalia a presença da sua tradição no Distrito Federal e Entorno?*

Em Brasília existem algumas pessoas da família religiosa de Maurício. Ele se referiu a Beth de Xoroquê, sua irmã de santo e a seu irmão, Jorge de Oxossi. Além deles, o falecido João Dofono, filho de João Do Ogum, foi citado por Maurício que disse que João Dofono, apesar de não estar diretamente ligado a ele, pertence à família dahometana. Depois do falecimento desse sacerdote, sua casa foi fechada.

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

- *Quanto as linhagens de entidades espirituais que se integram aos cultos desenvolvidos pela casa*

Além dos Voduns, Maurício cultua uma Elegbara cujo valor espiritual foi acima mencionado.

- *Quanto ao sincretismo religioso*

Maurício disse que não podemos deixar de dar valor ao sincretismo religioso, pois a própria umbanda nasceu dele. Disse que a religião, seja qual for, é necessária para conectar o homem a Deus. Disse que, biblicamente falando, Cristo não fundou nenhuma religião, mas deixou a base do amor a Deus sobre todas as

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

coisas, e do próximo como a nós mesmos, como um preceito a ser seguido. Disse que essas questões são basilares para a construção de qualquer religião.

O nome que o divino pode assumir é, para Maurício, uma questão de menor importância, pois Deus, Oxalá, Jeová, Olórum, Olodumáre, Bessém, e outros, expressão, apenas, a necessidade que os seres humanos têm de dar nome ao inexplicável. Na visão do sacerdote entrevistado, todas as religiões têm uma maneira própria por meio da qual os indivíduos podem ser beneficiados.

Segundo Maurício, a nação Jêje enxerga apenas semelhanças entre Voduns, Orixás e Inkices, mas não faz correspondências entre eles nem tão pouco com os santos católicos, os quais o entrevistado conhece com certa proximidade, pois, na infância, recebeu orientações dessa vertente religiosa.

Maurício lembra que, os próprios Voduns nunca foram seres humanos, como parece ser o caso de alguns Orixás. Por isso não é correto dizer que os Voduns equivalem aos Orixás. Mais acertado é dizer que Voduns e Orixás se assemelham em alguns aspectos como, por exemplo, domínios naturais: no Ketu, segundo Maurício, Oyá representa o relâmpago, a tempestade e o vento; domínios que em Jêje pertencem a Vodunjó que também é conhecida com Vegidã ou Zêvôdê. Assim, Maurício defende que, tanto na forma de nascimento, preparo, manuseio e cânticos, Voduns, Orixás e Inkices são diferentes.

- *Quanto às diferenças e semelhanças dos cultos praticados no Brasil e os cultos praticados na África*

Ressaltando o fato de nunca ter ido à África, Maurício disse que, de acordo com sua compreensão e baseando-se em documentários e seminários dos quais participou, existem muitas diferenças, pois diversamente do que aconteceu no Novo Mundo, às tradições africanas não se aglutinaram. Disse que nos cultos africanos as mulheres sempre estão em segundo plano o que não acontece, de acordo com Maurício, no Brasil, onde elas, as sacerdotisas, ocupam lugar de destaque. Explicando isto como um processo histórico, Maurício disse que, no tempo da escravidão, as mulheres escravizadas custavam menos que os homens. Assim, os escravos, dividindo entre si os ônus das compras de suas princesas escravizadas, compravam-nas com o intuito de manter a tradição. Também os senhores de engenho utilizavam, em suas casas, o trabalho das mulheres sem prejuízo do trabalho masculino que era mais útil nas lavouras. Assim, o amplo uso da mulher escravizada fez com que houvesse uma maior valorização das sacerdotisas em detrimento dos sacerdotes.

Nosso informante disse que, antigamente, muitas casas de candomblé não iniciavam sujeitos do sexo masculino nos mistérios da religião. Os homens, em geral, ocupavam cargos que não dependiam da incorporação, do transe. Até hoje existem casas que não permitem se quer que homens dançam durante os rituais e festividades. Daí Maurício afirmar que no Brasil houve a inversão dos costumes, pois em África o homem está no centro das questões religiosas. Como exemplo de outra mudança, Maurício disse que em África o Babalawô (literalmente, pai do segredo) e o Babalorixá desempenhavam funções específicas. No Brasil isso não acontece. Um Babalawô pode ser Babalorixá e vice-versa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Obs: Ligado ao culto a Ifá e Orumilá, o culto as Iyámí não se restringe ao povo de Ketu.

- *Quanto a intolerância religiosa*

Durante sua trajetória, Maurício sofreu diversas perseguições, mesmo assim fez questão de deixar claro sua simpatia por todas as religiões. Disse que aceita a Cristo, com as ressalvas feitas pelo candomblé de sua nação e não de acordo com as descrições prescritivas feitas pela bíblia. Para Maurício, qualquer lugar (templo) que fale de Deus merece respeito. Disse que a finalidade básica de toda religião é o amor a Deus e o cuidado de si mesmo como do próximo. Sempre que convidado, Maurício participa do culto de diversas religiões e comunga da fé dos fieis e por ela tem muito respeito, mas lamenta o fato de muitos cristãos não ter o respeito recíproco pelo candomblé. Como dito, Maurício já sofreu diversos atentados: já jogaram pedra no telhado da sua roça e sal no seu terreiro. Maurício disse que já identificou alguns membros da Igreja Universal do Reino de Deus que praticaram vandalismo no seu ilê. Disse que tem aversão por essa instituição por causa dos ataques que já sofreu por parte dela, mas faz questão de referendar seu profundo respeito pelos evangélicos de outras denominações. Maurício já freqüentou a Igreja Messiânica, a Seixonoiê, o Vale do Amanhecer muitas outras religiões, mas disse que não vai a Universal porque seus membros, em geral, não respeitam as demais religiões.

- *Sobre Exu*

Segundo Maurício, cada Vodun tem uma função específica, mas todos se equivalem em importância. Assim, Eleguá é tão importante quanto Lissá. Ele, Eleguá, é o próprio caminho, é destino, é aquele que transpõe as coisas, que, sendo mensageiro, põe os homens em contato com Olórum. Além disso, ele guarda as portas das casas de candomblé e as entradas em geral para que as quiumbas (perturbações) e eguns (espíritos desencarnados que, querendo, podem fazer o bem ou mal) não possam trazer tormenta a casa e a seus visitantes.

Eleguá foi associado ao diabo porque, de acordo com Maurício, os jesuítas, desconhecendo os Voduns, Inkices e Orixás, vendo os igbás (vasilhas utilizadas para conter as oferendas) e os assentamentos de Leguá onde o Vodun aparece representado com o Ongó (pênis ereto), não tardaram em ver nele o próprio diabo. Todavia, a representação fálica de Leguá indica tão somente que ele é o Vodun responsável pela masculinidade. Além disso, os chifres, característico da representação deste Vodun, serviram para criar a imagem que a cristandade deu ao diabo. Então, por ser o Vodun mais exposto aos olhos de todos, Eleguá esteve e ainda está freqüentemente associado ao diabo, mas no sentido original conferido pelas tradições antigas, os chifres representam o estado de iluminação atingido por certos indivíduos, entidades e divindades.

Além disso, está associado às finanças e, por extensão, aos negócios em geral. Desse modo, Eleguá proporciona aos homens o direito aos bens materiais. Esse Vodun seria, por assim dizer, o arquétipo da própria humanidade, pois, como os homens, têm sentimentos: alegra-se, se entristece e pode ficar magoado. Por sermos constituídos por energias próprias dos Voduns, como eles, sentimos e expressamos desgostos e

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

contentamentos. Os Voduns também sentem ciúmes dos seus filhos e da natureza. Para Maurício, os cataclismos revelam o descontentamento dos Voduns para com os homens, pela forma como eles tratam a natureza.

Por fim, Maurício disse que a associação que a Igreja fez entre Eleguá e o diabo foi uma maneira de desqualificar a religião afro e afro-brasileira. Essa associação fez com que muitas pessoas tivessem medo e ódio do candomblé e de seus praticantes e, também, facilitou o processo de catequização dos nossos ancestrais.

- *Sobre Pomba-Gira*

Essas entidades fazem parte da brasilidade candomblecista. Em África existem as Bombojira e/ou Pamjiras. Então, as Pombas-giras assumiram esse nome por causa da corruptela da língua. Em geral, elas seriam Exús femininas, mas, de acordo com Maurício, em Jêje não há que se falar em Eleguás femininas.

De cultura bantu, as Bombojiras foram assimiladas pela umbanda e hoje são entidades muito conhecidas também no candomblé. Com muita frequência, as Pombas-giras são descritas como entidades alegres, brincalhonas e zombeteiras que estão ligadas aos prazeres carnavais. Elas gostam de falar muito inclusive, da vida pessoal daqueles que com elas travam conversações.

Não tendo nada de Jêje, as Pombas-giras seriam, de acordo com Maurício, “outro temperozinho que nós colocamos nas nossas panelas”.

- *Sobre o Sacrifício*

Muita gente relaciona os sacrifícios a práticas demoníacas. Para Maurício isso não processe, pois, se assim fosse, todos os frigoríficos deveriam ser fechados. Acontece que no candomblé os animais sacrificados são respeitados, pois eles mesmos são tidos por Voduns. A forma como a carne dos animais é vendida em açougues choca os praticantes do candomblé porque, segundo Maurício, pode acontecer de os animais serem imolados de qualquer maneira, ao passo que nas casas de culto existe uma fundamentação para que ocorram os abates. Os sacerdotes conhecem a procedência dos animais e procuram realizar os sacrifícios de modo que o animal sofra o mínimo possível. Inclusive, antes do abate, os animais são alimentados de acordo com uma dieta à base de folhagens especiais que purificaram a carne e, conseqüentemente, beneficiam aqueles que o comerão. Então, ritualisticamente, o sacrifício é uma forma de agradecer aos Voduns pelo alimento propiciado. Por isso, uma pequena porção do sacrifício é ofertada a eles e a outra parte é servida aos convivas.

- *Sobre o uso de bebidas alcoólicas nos rituais*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Em especial, o ritual à Eleguá é feito com bebidas alcoólicas. Isso se explica pelos motivos, já citados, relacionados às características desse Vodun. Além disso, a bebida é um dos meios para se atingir, com maior facilidade, o transe. O vinho também é utilizado como uma rememoração do mito de Lissá que, em uma dada ocasião, teria se embriagado de vinho de Palma. A partir de então, o vinho passou a ser utilizado como uma espécie de tempero que substitui o vinagre. Depois das festividades religiosas, por entender que candomblé é conagração, Maurício tem o costume de oferecer cerveja para os visitantes que vão a casa

- *A natureza para o povo-de-santo*

Segundo Pai Maurício, para o povo da tradição Mahim, os Voduns nunca tiveram forma física. Na verdade eles são energias que estão inseridas na natureza: folhas, água, ar, fogo, pedra, terra. Tais elementos são extensões de Deus porque, para o entrevistado, Deus é a união de todos os elementos da natureza. Por isso tudo que é ou está na natureza é sagrado e tem vida. Maurício disse que o principal objetivo de sua tradição é manter a natureza viva, intacta. Esse objetivo, segundo ele, deve ser seguido por todos os praticantes do candomblé, pois só assim ela, a natureza, poderá continuar a favorecer os seres humanos: “hora pelo oxigênio, hora pelos minerais e vegetais com todas as suas propriedades de cura”.

-
- *Sobre o Oráculo*
- *Sobre o transe/incorporação*

Em relação à Lissá, seu Vodun, Maurício disse que é como o filho que descobre quem é seu pai. Lissá representa o pai de todos os pais, o pai maior, o grande criador da natureza, o funfun (branco), aquele que rege toda e qualquer vitalidade humana, a criação por excelência. O entrevistado disse que ainda tem muito o que aprender com seu Vodun, que é a soberania. Disse que interagem com ele da melhor forma, com muito respeito e carinho, amor e zelo. Disse que ama seu Vodun antes de amar a si mesmo porque seu Vodun é sua vida, sua alma, sua energia.

- *Sobre a vida após a morte*

Para os Jêjes, depois da morte, o espírito vai ao encontro do seu Vodun. Assim, o espírito volta a integrar a natureza, posto que sejam os Voduns elementos naturais: ar, fogo, terra, água, etc.

- *Sobre o culto aos ancestrais*

O povo Jêje não tem por costume o culto de baba egun (culto a ancestralidade). Maurício afirmou que sua tradição não louva o espírito, despojado de suas “vestes físicas”, por que, por ocasião do desencarno, o espírito vai ao encontro do seu Vodun que está no Orum (mundo da verdade, espécie de céu) e jamais retorno para a terra (Aiê).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

- *Quanto as particularidades dos cultos afro-brasileiros em Brasília*

Disse que algumas casas de Jêje do Distrito Federal fazem uso do sincretismo. É comum vê-las cantando para Orixá e não só para Vodun.

- *Os cultos afro-brasileiros podem ser entendidos como forma de resistência cultural?*

- *A relação do entrevistado com seus orixás/voduns/inkices/guias/mentores/encantados , com seu povo e sua tradição*

A despeito de sua tradição, Maurício acredita, a partir de sua formação intelectual e por meio do conhecimento das religiões católica e kardecista, na possibilidade do espírito voltar, depois do seu desligamento da matéria, a ter outras vidas terrenas. Como dito, antes da sua conversão ao candomblé, que se deu por motivos de saúde, Maurício conheceu o kardecismo e o catolicismo. Maurício passou por essas duas religiões na tentativa de ser curado de um mal físico que nem a medicina convencional conseguia identificar as causas. Como não aconteceu o esperado, Maurício buscou uma casa de candomblé e nela conseguiu se livrar dos sucessivos desmaios. Um laudo com mais de cem folhas afirmou que Maurício sofria de catalepsia. Dentro da compreensão espiritual, Maurício disse que sofria de uma experiência conhecida como “bolar”; morte para o Vodun. Essas experiências fizeram Maurício acreditar na reencarnação, mas, como dito alhures, a tradição dahometana acredita que com o desligamento da matéria o espírito volta para seu Vodun que, sendo água, transforma o espírito desencarnado em água. Sendo vento, transforma-o em vento e assim respectivamente.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
------	-----------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES		DF/GO	01	01	10	F50	10
Dado não obtido.	A tradição teve início, de acordo com o entrevistado, na ladeira do Bogum, que segundo o sacerdote não é possível estabelecer uma data de fundação. A sacerdotisa que deu início aos trabalhos que chamava Ludovina. posteriormente se espalha para Cachoeira do São Félix onde é fundada a roça de Sejaundê. A roça de Ajuñum também tem muito destaque. Essas são as três primeiras casas. Depois, no Rio de Janeiro, foi criado o Bolabá; linhagem a qual pertence o entrevistado. Essa roça era comandada por Megitó Rosena ou doné Rosena. Maurício não soube precisar o ano de instalação da casa de Rosena, mas disse que sua tradição está diretamente ligada a Tata Fomutinho de Oxum Dewi. Esse sacerdote fez santo em Sejaundê e se instalou no Rio de Janeiro e fez proliferar a nação Jêje. Segundo Maurício, Tata Fomutinho foi um dos precursores do Jêje no Estado do Rio de Janeiro. De Tata Fomutinho descende Ivan de Iansã; avô de santo de Maurício. Também descende Zezinho da Boa Viagem, hoje considerado o patriarca do Jêje no Brasil, pois é o sacerdote, em vida, mais velho que está ligado a tradição de Sejaundê. Pela linhagem, Maurício se tornou bisneto de Zezinho porque, com o falecimento de Ivan de Iansã, passou a tomar obrigação com uma neta de santo de Zezinho. Maurício é Neto, ainda, de Dirceu de Oxalá que é um dos filhos de Zezinho. O sacerdote entrevistado foi feito pela mão de Aurora Vodunjó; neta, supracitada, de Zezinho da Boa Viagem. Atualmente essa sacerdotisa mora em Mesquita no Rio de Janeiro. Dessa maneira a tradição Jêje Mahin se instalou na região referida. Obs: As datas de fundação dos locais de culto mencionados não foram encontradas e nem mencionadas pelo sacerdote.						
1990	Fundação do local de culto referenciado, onde Pai Maurício começou a desenvolver seus trabalhos sacerdotais.						

6. Usos ATUAIS

6.1. Usos COTIDIANOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

A casa possui um calendário anual e outro semanal. Esses calendários servem para orientar os filhos quanto às festividades e atos devocionais dirigidos aos Voduns. O calendário semanal prevê a realização de oferendas que é uma forma que os filhos encontraram para agradecer as divindades pelo alimento que lhes foi concedido durante a semana. Segunda-feira cultua-se Eleguá; Vodun que guarda a porta. Nessa ocasião, despacham-se o Padê, comidas que agradam Leguá. Terça-feira é a vez do Vodun Togum que é servido de palite no inhame. Assim, sucessivamente, os Voduns vão recebendo um retorno por tudo aquilo que eles proporcionam aos filhos da casa.

Além desses rituais, o Kwê está sempre aberto para as pessoas que procuram a casa em busca de conselho ou para resolver problemas cujas causas não são conhecidas nem mesmo pela medicina. Mesmo isso acontecendo, Maurício disse que a casa de santo não deve ser confundida com uma casa de milagres. Disse que, em geral, as pessoas, desgastadas por conta de problemas, chegam, muitas vezes, no Kwê, acreditando que, num passe de mágica, terão seus problemas resolvidos. A casa também é procurada, quase todos os dias, por pessoas que desejam consultar os búzios. Alguns desses consulentes, dependendo da predição do oráculo, precisam passar por determinados banhos que se destinam a limpeza de impurezas e dissipação de energias malévolas. Esses trabalhos, conhecidos entre os yorubanos como Ébos, são chamados pelos Jêjes de Andras. Durante as Andras, o sacerdote passa, no corpo do consulente, determinado tipos de comidas que tem a função de apagar energias negativas e, ao mesmo tempo, encantar energias positivas para que, desse modo, a pessoa se cure dos males que lhe afligem. Depois disso, as tais comidas são endereçadas às matas, rios, encruzilhadas, entre outros, lugares que os Voduns, por meio dos búzios, determinarem. Outro evento que coloca a casa em constantes atividades são as feitura de santo; recolhimentos de noviços que serão iniciados nos fundamentos do candomblé, mais especificamente da nação a qual está se vinculando.

As atividades são coordenadas pelo sacerdote maior, Doté, e pelo seu grupo de apoio: Runsós, Ekedes, Adagãs, Cidagãs, Ogãs; que obedece a seguinte hierarquia: Pejigã, Bajigã, Runtó, Gaipê, Gaitó, entre outros. É comum que o próprio consulente arque com as despesas de suas Andras, mas, devido à carência da comunidade, muitas vezes o sacerdote responde financeiramente pelos gastos daqueles que não tem condições de cobri-lo. Existem também casos em que os membros da casa se reúnem e dividem entre si a responsabilidade de comprar os elementos necessários para as obrigações de um irmão. Maurício não concorda com o termo “fazer santo”. Disse que ninguém faz santo de ninguém. O que acontece é o condensamento de energias positivas para que o Vodun, que habita cada um, aflore suas potencialidades. Os gastos, muitas vezes, vão da compra das vestes iniciáticas até a compra do Azan; esteira de palha onde o noviço cumprirá parte dos rituais. Todos os espaços físicos estão interligados. A casa, onde atualmente Maurício está morando, localizada nos fundos do barracão, serve muitas vezes para o preparo de determinados elementos indispensáveis aos rituais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

6.2. USOS CERIMONIAIS

A casa deu início ao calendário festivo que celebra os Voduns masculinos. Os primeiros homenageados são: Vodun Togun, Vodun Otulu, Voduns da família de Sôoguibô, Evioçô, Zorogãma, Badé e Loco. Essas festividades vão até o mês de junho. Em agosto acontece a festa da família Terra, do povo de Ajônce, da família de Aizã; Voduns da família Sapatá: Nanã, Bessém, e outros. Combinado com essa festa, Maurício louva uma entidades brasileira, Bombojira, que muito lhe ajudou em muitos momentos de dificuldade. A festa dela é feita em agosto porque foi nesse mês que ela se manifestou, pela primeira vez, na vida e no corpo do sacerdote. A festa de Bombojira é feita em separado da festa da nação do sacerdote. Em dezembro, comemora-se a festa das Toboces, azerês; Voduns femininas. Nesse mesmo mês, Lissá, Vodun que rege a casa, é louvado, pois seu caráter andrógono o aproxima das Tobocis.

As festividades se destinam ao agradecimento de favores alcançados e pedido de novas bênçãos. Geralmente, o sacerdote coordena todas as atividades festivas, mas os filhos da casa e membros da comunidade participam dos eventos. Cada Vodun ou grupos de Voduns recebe(m) homenagem(ns) em um dia específico do calendário litúrgico das casas. Os filhos da casa, na medida de suas possibilidades, contribuem de diversas formas para que as festividades aconteçam.

Segundo o informante, antes mesmo do uso das palavras, os seres humanos se comunicavam por meio de ruídos que eram feitos com o batucar de ossos em pedras e madeiras. Esses ruídos levavam uma mensagem para outros grupos que estavam, geograficamente, mais distantes uns dos outros. Serviam também para alertar seus pares de perigos eminentes e ainda da presença de animais que poderiam ser capturados.

Dessa mesma forma, por meios de sons, os humanos perceberam que podiam chamar a atenção dos Voduns para que eles viessem participar das festividades. Essa participação se dava, e ainda se dá, por meio do transe; ocasião em que os Voduns tomam os sentidos dos adoradores que estão lhes convidando. Nesse momento, os sons dos instrumentos servem para ajudar na representação de uma realidade vivenciada cotidianamente: guerra, vendavais, tempestades, caçadas, entre outras.

Os instrumentos comumente tocados são: Adjás; sinetas criadas depois que os homens aprenderam a fundir o metal, Atabaques; instrumento feito com uma armação de madeira, em forma de cone, coberta com pele de animal que é repercutida quando tocada com varetas metálicas e com as próprias mãos. Do maior para o menor, os atabaques são chamados de Rum, Rumpi e Lé. Existem também os Gãs, constituídos de duas bases metálicas, os Caxixis; cone, envolto por sementes, que, ao ser agitado, emite um som parecido ao do chocalho da cobra Cascavel. Além desses existe o Xere, o Xequerê; cabaça envolta em miçangas.

O uso desses instrumentos acontece de acordo com o ritual que se pratica e também da nação (Jêje, Ketu, Angola) que está praticando o ritual. Maurício disse que de todos os instrumentos, os atabaques são os mais importantes para uma casa de candomblé porque diferentes toques desse instrumento atraem ou despertam diferentes tipos de Voduns que tem um toque predileto. Fazendo uma conexão com os

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

antepassados Neandertais, Maurício disse que diferentes toques feitos por eles serviam para alertar sobre a presença de forças ou coisas diferentes. Assim, quando uma casa de Jêje executa o ritmo Sató, Bessém é invocado juntamente com sua família. Sucessivamente, o Adarrum e o Batá servem para atrair outros Voduns que se comunicam com os adoradores por meio desses, citados, toques e ritmos.

Segundo o informante, antes mesmo do uso das palavras, os seres humanos se comunicavam por meio de ruídos que eram feitos com o batucar de ossos em pedras e madeiras. Esses ruídos levavam uma mensagem para outros grupos que estavam, geograficamente, mais distantes uns dos outros. Serviam também para alertar seus pares de perigos eminentes e ainda da presença de animais que poderiam ser capturados.

Dessa mesma forma, por meios de sons, os humanos perceberam que podiam chamar a atenção dos Voduns para que eles viessem participar das festividades. Essa participação se dava, e ainda se dá, por meio do transe; ocasião em que os Voduns tomam os sentidos dos adoradores que estão lhes convidando. Nesse momento, os sons dos instrumentos servem para ajudar na representação de uma realidade vivenciada cotidianamente: guerra, vendavais, tempestades, caçadas, entre outras.

Os instrumentos comumente tocados são: Adijás; sinetas criadas depois que os homens aprenderam a fundir o metal, Atabaques; instrumento feito com uma armação de madeira, em forma de cone, coberta com pele de animal que é repercutida quando tocada com varetas metálicas e com as próprias mãos. Do maior para o menor, os atabaques são chamados de Rum, Rumpi e Lé. Existem também os Gãs, constituídos de duas bases metálicas, os Caxixis; cone, envolto por sementes, que, ao ser agitado, emite um som parecido ao do chocalho da cobra Cascavel. Além desses existe o Xere, o Xequerê; cabaça envolta em miçangas.

O uso desses instrumentos acontece de acordo com o ritual que se pratica e também da nação (Jêje, Ketu, Angola) que está praticando o ritual. Maurício disse que de todos os instrumentos, os atabaques são os mais importantes para uma casa de candomblé porque diferentes toques desse instrumento atraem ou despertam diferentes tipos de Voduns que tem um toque predileto. Fazendo uma conexão com os antepassados Neandertais, Maurício disse que diferentes toques feitos por eles serviam para alertar sobre a presença de forças ou coisas diferentes. Assim, quando uma casa de Jêje executa o ritmo Sató, Bessém é invocado juntamente com sua família. Sucessivamente, o Adarrum e o Batá servem para atrair outros Voduns que se comunicam com os adoradores por meio desses, citados, toques e ritmos.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	
Corte de Planta Melejí – Pai Jorge de Oxossi	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Centro Espírita São Francisco de Assis – Pai Rogério de Oyá	
Ilê de Iansã Isa Axé Rumpami Runtologi – Doté Francisco de Oyá	

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não disponibilizados.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
Não disponibilizados.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
Registros produzidos, ver anexo de <i>Registros audiovisuais</i> .

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Registros produzidos, ver anexo de <i>Registros Fotográficos</i> .

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Sim, recomendamos vivamente a viabilização de estudos interessados em adensar a leitura sobre o bem cultural inventariado em tela, e, se recomendado pelo lugar de culto, a iniciativa de instruir o processo de tombamento do Candomblé Jêje Mahin - Côrte Fon-Dahometana Ruê Hô Seji Olissá.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	10
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

--

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Nada a complementar.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Ver anexo de Bens Culturais Inventariados.	
PESQUISADOR (ES)	Daniela Nunes e Eurípedes Júnior	
SUPERVISOR	Emily Pierini	
REDATOR	Eurípedes Luis Ramos Júnior	Data
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marcelo Reis	30/03/2010